



DONA FIA

Meio século dedicado a esta terra, nesta terra

IOLANDA GARCIA
RODNEY GARCIA

Migrante no próprio país

Fidelina Souza Matos da Silva (Dona Fia) é uma das muitas mulheres anônimas que dedicaram sua vida a cuidar dos filhos e do esposo, a trabalhar em terras alheias e aguardar a conclusão de seu ciclo com as mãos vazias e o coração cheio de sonhos ufanistas. No auge de seus setenta e sete anos, entre buscas, acertos e desencantos, rememora acontecimentos e explicações relacionadas ao processo de ocupação da nova fronteira agrícola que recebeu migrantes fugitivos da escassez de comida ocorrida em vários estados brasileiros, nas décadas de sessenta e setenta.

Os dissabores iniciais

Conforme a entrevistada, em Tangará da Serra, à época (1968), tinha a farmácia do Joaquim Surdo. Posteriormente, veio o Herotil-des da farmácia. Umas e outras casas de madeira ou de palmito, cobertas com tabuinhas ou sapê. As compras eram feitas no armazém do Zé de Melo; a conta só ia crescendo. Quando da colheita, a gente vendia os mantimentos – arroz, feijão, milho – e, com o dinheiro, pagava o mercado. Relatou ainda que, enquanto o marido trabalhava na roça, ainda na Comunidade São Paulino, ela e o filho mais velho, Sérgio Roberto, vinham ao centro fazer as compras para o mês e as levavam nas costas, caminhando mais de dez quilômetros com aquela carga.

“A gente tinha casa que não era da gente. A gente tinha lugar para trabalhar, mas aquele lugar não era da gente. Aquela terra não era da gente. Só a semente que a gente plantava era

Nascida em 13 de fevereiro de 1942, na pequena Jacaraci – BA, nome de origem tupi-guarani (jacaracy: vertente ou manancial curto), casou-se, aos dezesseis anos, com Benedito Otávio da Silva (in memorian), na discreta Rinópolis – SP. Deste enlace, derivaram seis filhos (três homens e três mulheres), sendo quatro paulistas e dois mato-grossenses, nascidos em solo tangaraense. Após seu casamento, permaneceu por dez anos em terras paulistas.

Em busca de sonhos: a travessia

O seu cunhado, José Soares, em 1968, veio para Tangará da Serra – MT, para derrubar mato nas terras de Hélio Tavares. “Meu pai e meu esposo ficaram para trás, colhendo café para os nossos patrões”. Reitera

da gente; a colheita, a metade era do patrão. O que a gente tinha? Coragem para trabalhar! Entrávamos, com nossos corpos e nossa saúde, naquelas matas para roçar, derrubar, desencoivarar e queimar aquele munda-rêu de madeira. Tinha dia que a gente só tinha mandioca, palmito ou mamão verde cozido para dar de comer às crianças. O meu marido ia trabalhar na roça e comia mamão maduro para saciar a sua fome. A carne que a gente comia era de bicho do mato ou de peixe. Da gente, era só o medo da fome, da onça, da cobra, da doença e da morte; a esperança e a fé nos mantinham de pé. Os nossos filhos eram nossa motivação. Por eles e com eles, não deixávamos o desânimo vencer. Esse perrengue durou pouco tempo; até a primeira colheita. Mas, com a malária, foram dias de muita aflição e de necessidades”.

que o marido de sua irmã ficou deslumbrado com a produtividade dessa terra e, junto com a necessidade do patrão por mais mão-de-obra, voltou para Rinópolis – SP, no mesmo ano, e de lá “[...] viemos em sete famílias, distribuídas em cinco caminhões, para trabalhar nas terras de Hélio Tavares. Eram três caminhões com as mudanças e as ferramentas para trabalhar na roça; e dois caminhões cobertos de lona, onde ficavam as mulheres, as crianças, os homens e os idosos. A lona era para proteger a gente do sol quente, da poeira e servir de abrigo para dormirmos à noite. Foram cinco dias de viagem. A gente parava para comer farofa. Quem tinha algum dinheiro, comprava alguma coisa em uma dessas vendas à beira da estrada. Quem não tinha, comia farofa e bebia água. Cada família tinha sua lata de farofa. Tinha farofa de carne bovina. Tinha farofa de carne de frango. Tinha farofa de carne de porco. Parávamos para tomar banho no rio, fazer as refeições, lavar roupa, ‘ir ao mato’ e dormir. De madrugada, a gente comia farofa, bebia café e partia. Rodava até certas horas; parava, e começava tudo de novo. Foi assim até chegarmos a Tangará da Serra”.



Fidelina Souza Matos da Silva (Dona Fia)

A entrevistada relatou que, ao chegar ao ‘pé da serra’, não soube precisar o dia do mês de agosto, os caminhões trucados não conseguiam subir, tiveram que tirar as rodas do truck, descer a metade das mudanças para que os caminhões fizessem o percurso da Serra Tapirapuã. “Parte do pessoal ficou lá no ‘pé da serra’ cuidando das coisas, enquanto a outra subia, seguindo à pé, para descarregar a parte da mudança e esperar aqueles caminhões descerem para buscar o resto das coisas. Parecia uma eternidade aquele tempo de espera. O medo tomava conta da gente. A gente imaginava um monte de coisas ruins: do caminhão caindo à onça atacando o pessoal que ficou cuidan-

do das mudanças.”

Mas, conforme a entrevistada, mais que a baldeação, o desafio era subir aquela serra, passar na beiradinha daqueles precipícios sobre os quais elevavam a estrada. Tudo mata lá em baixo. De um lado e de outro da estrada, uma árvore maior que a outra. Dona Fidelina lembra que estava grávida de oito meses, com aquele barrigão, a qualquer momento poderia dar a luz ao Claudinei, e teve que subir tudo aquilo caminhando. Vencidos a apreensão e o medo, chegaram a Tangará da Serra e foram, as sete famílias, para a Comunidade São Paulino, trabalhar na abertura e cultivo das terras de Hélio Tavares, onde permaneceram por dois anos.

Considerações de dona Fidelina

A trajetória da família se resume em abertura de terras, a vencer a fome, a criar seis filhos, a admirar 12 netos e curtir 15 bisnetos. Seu legado não rendeu honrarias municipais. O trabalho do esposo, Benedito Otávio da Silva, amansar mato, não integra a memória do município; apenas familiares e amigos lembram seu legado, encerrado em 1997. Sua função matriarcal consistiu em preservar os valores da família ao longo de cinquenta e um anos dedicados a esta terra, cujo patrimônio se resume a uma modesta casinha na periferia de Tangará da Serra. Mas, o legado de sua mãe, Maria de Souza Matos (Maria Baiana, a parteira), caminha pelas ruas da cidade, uma vez que ela foi parteira por mais de 20 anos, entre 1968 e 1980; através de suas mãos, novos tangaraenses ganharam a luz e o calor deste solo, desta gente.



Retrato de casamento